

ACM é o novo presidente do Senado

■ Pefelista derrotou Íris Resende (52 votos a 28) e já avisou que vai cobrar de Fernando Henrique redução nas medidas provisórias

JORGEMAR FELIX E
JAILTON DE CARVALHO

BRASÍLIA — O senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) venceu ontem, por 52 votos a 28, seu adversário Íris Resende (PMDB-GO) na disputa pela presidência do Senado Federal. Um senador votou em branco. O resultado é uma vitória do governo, que apoiou ACM. Mas pode ser, também, o prenúncio de muitas complicações, dada a independência que costuma ter o senador. Antônio Carlos, que liderou o movimento pela sobrevivência do Banco Econômico em 1995, em claro desacordo com o governo na época, já avisou: "O governo não fará o que quiser aqui dentro."

Em seu discurso de posse, Antônio Carlos Magalhães reclamou do grande número de medidas provisórias editadas pelo presidente Fernando Henrique Cardoso. Em dois anos, o Palácio do Planalto enviou 83 MPs ao Congresso Nacional. "Nem o Executivo pode ficar sem tempo hábil para agir, nem o Legislativo pode abrir mão de legislar", declarou o novo presidente do Senado. Segundo ACM, mais do que procurar culpados é preciso encontrar um caminho racional para a edição de medidas provisórias. Antônio Carlos Magalhães aposta no que definiu como "espírito conciliador e democrático" de Fernando Henrique para resolver o caso.

Traidores — ACM venceu com os votos da maioria dos 13 senadores do PSDB. O grupo político de Íris Resende, depois da votação, contabilizava os traidores. Pelo menos cinco senadores do PMDB ou do bloco de esquerda (PT, PDT, PPS e PSB) votaram no candidato do PFL. O PMDB tem 22 senadores e o bloco, 11 — uma soma de 33 votos, no mínimo, que deveria ir para Íris na votação secreta. "Houve traidores, mas o momento é de deixar a poeira baixar", disse o senador Mauro Miranda (PMDB-GO), ligado a Íris. O presidente do PSDB, Teotônio Vilela (AL), acredita que o partido votou unido e negou que o único voto em branco tivesse sido de um tucano. Teotônio aposta que foi do ex-presidente do Senado José Sarney (PMDB-AP), tradicionalmente neutro.

Apreensão — Os adversários de Antônio Carlos Magalhães receberam com apreensão o resultado. Em dois anos de mandato, ACM brigou com sete senadores. A forte personalidade do novo presidente do Senado era ontem o principal assunto nas rodas do plenário. "Espero que ele tenha o comportamento que o cargo exige", disse o senador Nei Suassuna (PMDB-PB), que já foi agredido fisicamente por Antônio Carlos.

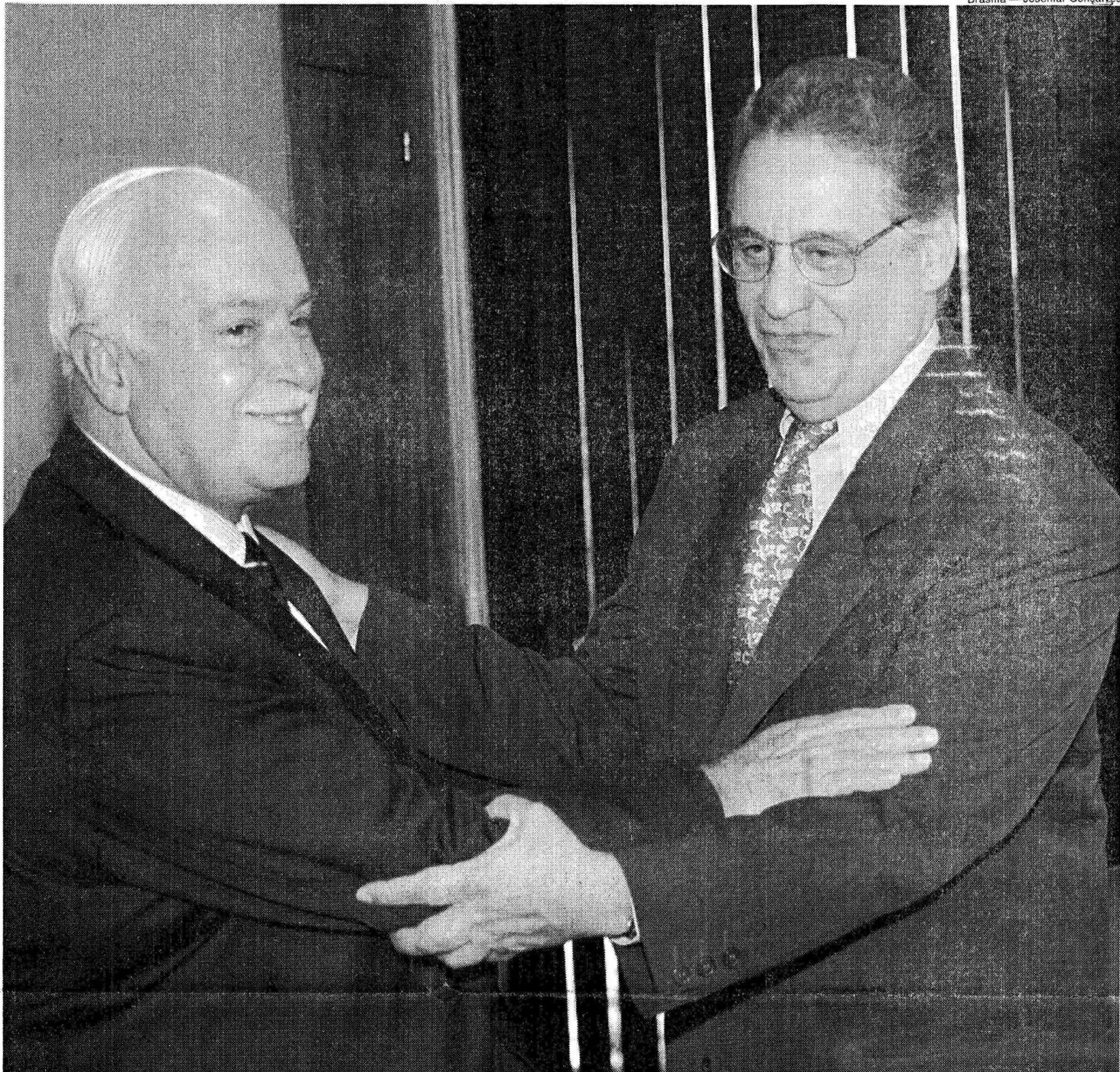
Ontem, porém, o senador baiano estava eufórico. Chegou cedo ao Congresso, com uma torcida organizada. Mas a claque do senador Íris Resende — também ocupando a galeria — venceu nos aplausos. No momento do voto, um solitário carlista tentou puxar palmas, mas ficou sozinho. Os dois concorrentes cumprimentaram-se cordialmente depois que ACM atingiu o 41º voto. Darci Ribeiro (PDT-RJ) foi o único que votou sem sair do lugar, porque está usando cadeiras de rodas. O senador Pedro Simon (PMDB-RS) votou de óculos escuros, devido a uma conjuntivite. "Estou de luto", brincou Simon, adversário de ACM.

Apoio — O presidente Fernando Henrique Cardoso se reuniu no final da tarde com o presidente eleito do Senado, Antônio Carlos Magalhães. A candidatura de ACM, um dos articuladores da emenda da reeleição, teve discreto apoio de Fernando Henrique e os votos dos senadores tucanos. "O presidente também está certo de que vai encontrar no senador Antônio Carlos um apoio para a aceleração das reformas constitucionais", afirmou o porta-voz Sérgio Amaral, enquanto Fernando Henrique recebia ACM em seu gabinete.

Sérgio Amaral disse ainda que, resguardadas a independência do Executivo e do Legislativo, Fernando Henrique acredita que terá, com Antônio Carlos Magalhães, o mesmo bom relacionamento que tinha enquanto o senador José Sarney (PMDB-AP) esteve à frente do Senado. O presidente acompanhou a eleição do Senado pelos terminais das agências de notícias que tem em seu gabinete.

Após o anúncio do nome do vencedor, Fernando Henrique telefonou parabenizando ACM pela vitória. A conversa, segundo o porta-voz, foi "rápida". Duas horas depois o presidente e o senador conversaram pessoalmente, no Palácio do Planalto, por cerca de 30 minutos. Nos dois primeiros anos de governo, a relação entre os dois teve altos e baixos.

Um dos momentos mais tensos ocorreu em setembro de 1995, quando Antônio Carlos Magalhães pressionou o governo federal a encampar o Banco Econômico, que estava à beira do colapso financeiro. Houve uma longa troca de farpas. A crise só foi contornada depois de o Econômico ter sido incorporado pelo Banco Excel.



Depois de declarar que 'o governo não vai conseguir o que quiser' do Senado, ACM foi ao gabinete de Fernando Henrique receber os cumprimentos pela vitória no Congresso